

FH chega ao fim da semana mais tensa

Confusão no dólar acalma, mas crise no PSDB e cobranças dos partidos aliados continuam

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA — A semana mais tensa do governo Fernando Henrique Cardoso combinou incêndios na economia e na política, fazendo vítimas nos dois campos. No mercado, ganhou quem tinha dólares e apostou que o governo não sustentaria por muito tempo a moeda norte-americana abaixo de 87 centavos de real. Perdeu quem acreditou no sonho da paridade. Na política, mais uma vez, saíram ganhando o PFL e seu primo-irmão, o grupo do PMDB controlado pelo presidente do Senado, José Sarney. Saíram derrotados o governo e seu partido oficial, o PSDB, que perdeu o presidente e foi humilhado no Congresso.

A adoção do sistema de bandas no câmbio foi uma vitória econômica do ministro do Planejamento, José Serra, e fulminou a influência do diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Gustavo Franco. Serra começou a semana como um campeão. Além de mudar a política cambial, convenceu o presidente a editar medida provisória que desobriga o Tesouro de bancar as despesas da Previdência. Mais ainda: abre os cofres do INSS para o pagamento dos servidores inativos da União, que consumiram R\$ 9 bilhões em 1994.

A divulgação da MP, na quarta-feira, pegou de surpresa os aliados do governo no Congresso e abriu uma crise política que minou o prestígio do ministro do Planejamento. Serra foi duramente cobrado pelos líderes governistas em almoço marcado para explicar as medidas econômicas da segunda-feira. Sintomaticamente, os líderes do PFL começaram a elogiar o ministro da Fazenda, Pedro Malan, que divide com o tucano o comando da economia. Serra juntou-se, assim, ao chefe do Gabinete Civil, Clóvis Carvalho, na condição de ministro mal-falado no Congresso.

Para piorar a vida da área econômica e acabar com o humor de Fernando Henrique, o Senado aprovou, na mesma quarta-feira, a regulamentação do artigo constitucional que limita em 12% ao ano a taxa de juros. Não foi apenas uma derrota do governo, foi uma humilhação para os articuladores do Planalto, que nem sabiam que o assunto estava na pauta de votações do dia. Sarney deu sua primeira demonstração de independência em relação ao governo, presidindo a votação sem consultar o vizinho da Praça dos Três Poderes.

A maldição atingiu o partido do presidente na quinta-feira, quando o Banco Central entrevistou 32 vezes no mercado do dólar, queimando uma soma de divisas estimada em até R\$ 5 bilhões. Logo depois do almoço, Fernando Henrique soube, por tele-

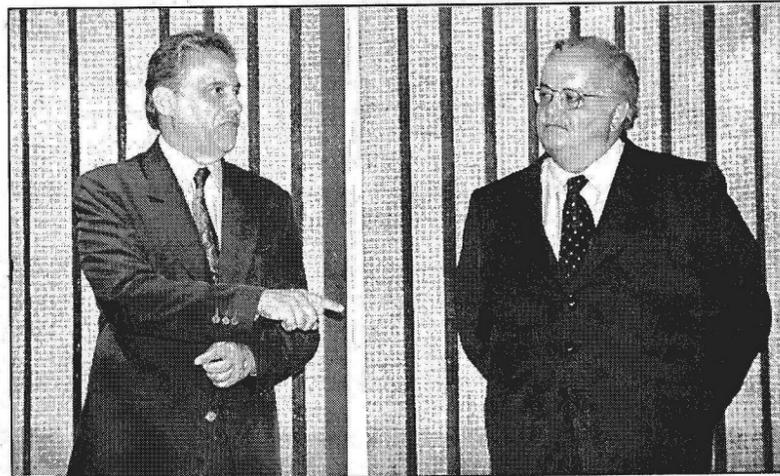


Luludi/AE—8/3/95

Tumulto no pregão

Na segunda-feira, o governo mudou a política cambial, numa vitória do ministro José Serra. O anúncio das novas regras foi confuso, o deputado Delfim Netto denunciou vazamento de informações para es-

peculadores privilegiados e obrigou o Banco Central a duelar no pregão. "Não há razões objetivas para esse comportamento do mercado", disse Fernando Henrique na quinta. A calma só voltou na sexta.



Dida Sampaio/AE—10/3/95

Núcleo do poder

Fernando Henrique passa a semana ouvindo críticas dos aliados a seus mais caros ministros, o núcleo do poder. José Serra, do Planejamento, é culpado pela edição da

medida provisória da Previdência. Sérgio Motta, das Comunicações, diz em discurso que o governo tem apenas "doze pessoas importantes, todas do PSDB". O PFL não gostou.

fone, que o ex-deputado Pimenta da Veiga renunciara à presidência do partido, numa retaliação contra o superministro Sérgio Motta, que com ele competia pelo controle da legenda. Fernando Henrique tentou, em vão, falar com Pimenta. O PFL comemorou a crise no partido aliado.

**BRIGA DE
TUCANOS
FAZ PFL
CELEBRAR**

A sexta-feira reservou ao presidente uma boa notícia: aparentemente, o BC venceu o duelo com o mercado e o dólar comportou-se como um menino obediente. No fim do dia, porém, o próprio PSDB se encarregaria de causar

novo problema: desmobilizada, a bancada não deu quórum para a instalação da comissão especial que vai analisar o projeto de abertura das telecomunicações. Não foi apenas mais uma humilhação diante do organizado PFL, que compareceu em peso à comissão. Foi um soco no fígado de Motta, autor da emenda constitucional e terceiro integrante, junto com Serra e Carvalho, do núcleo tucano do poder.



José Paulo Lacerda/AE—9/3/95

Estranhos no ninho

A descoordenação política do governo começa pelo PSDB, o partido do presidente. O ministro das Comunicações, Sérgio Motta, insiste em manter o partido sob seu comando, desafiando o ex-deputado

Pimenta da Veiga. A confusão se estende ao Congresso: o líder no Senado, Sérgio Machado, falta à votação do projeto que limita os juros a 12% por ano. Na quinta-feira, Pimenta renuncia à presidência do PSDB.



Wilson Pedrosa/AE—10/3/95

Esporte predileto

Pimenta da Veiga acena um adeus à vida pública e, depois de recusar o convite de Fernando Henrique para uma conversa, viaja para Belo Horizonte. Prati-

ca agora o esporte predileto dos políticos: falar mal do governo. O ex-presidente do PSDB diz que a articulação política é o ponto fraco do governo FH.